

6450
N

A BIBLIOTHECA A PENNA

Director e redactor-chefe: Durval Carvalho
Redactoras: D. Julita Moraes, D. Annita Soares, D. Alice Lima e D. Ignez de Souza
Redactor-secretario: J. C. Tavira.
Redactores: Leonardo Porto, D. Correia, Decio Melo e M. P. de Mello.

ANNO I

S. Paulo—Santos, 21 de Agosto de 1897

NUM. 7

Expediente

Representantes d'A Penna"

Capital Federal — Gracilino Me-
nezes.

Nictheroy — Dr. Silvestre Moreira.
S. Paulo — Dr. Dario Ribeiro.
Bahia — Rodrigues Nogueira.
Fortaleza — Domingos C. e Silva.
Recife — David Ribeiro Junior.

Maceió — José Menezes.

Aracaju — Crysanto Rocha.

Maranguape — Alfredo Costa Ri-
beiro.

Larangeiras — Coronel Francisco
Vasconcellos.

Maroim — Roque Pinna.

Riachuelo — Secundino Corrêa.

Capella — Reynaldo Terres.

Serrinha — Major Antônio No-
gueira.

A Penna é organo literario, cri-
tico e noticioso, pertence a uma
Associação e publica-se quinze-
nalmente.

Trimestre	3\$000
Semestre	5\$000
Anno	8\$000

Pagamento adiantado

REDACÇÃO — RUA GENEAL CAMARA
N. 106

A PENNA

Nova Phase

Difficultosa e espinhosa é a
missão que temos a desempenhar,
posto que, não sejamos desco-
nhecidos e tenhamos nos batido,
sem treguas, em prol da bandeira,
que desfraldada, ainda tremula
em nosso mastaréo.

Nosso passado senão nos de-
xou glórias, ao menos honras,
que só pertencam áquelas que re-
sistindo ao atroz indifferentismo
que assenhorea-se neste nosso meio
social avançam com ardor affron-

tando perigos, transpondo dolo-
rosas crises, para ao fim da luta
dizer: cumprimos nosso de-
ver. Aureola-nos, porém, uma
glória que ia-se sepultando em
consequência de nossa modestia.

Ninguém, afôra nós, pôde
ainda n'este nosso meio social
manter um periódico literário
com o brilho fulgurante da irra-
dição do cérebro femeñil.

Ninguém incontestavelmente.
Eis, pois, *A Penna* novamen-
te conquistando essa glória com
mais ardor, porque si hontem
Julietta Moraes com o bico de
sua mimosa pena abriu-nos o
portico do Templo da literatura,
hoje, Alice Lima, Ignez de Souza
e Annita Soares rasgam as cor-
tinas do mesmo Templo, dizen-
do-nos: entra moços e cultivaes
as letras, que seréis beneditos
porque mais tarde germinará o
fruto que plantardes.

Avancemos, pois, à cultura das
lettras para que semelhante co òa
de louros cinja nossa fronte.

DURVAL CARVALHO.

O Caboclo Camapum

(TRADUÇÃO CAIRENSE)

Era o anno de 1811.
Quem subisse a pitoresca ser-
ra de Maranguape, tomando o ca-
minho aberto na margem esquer-
da do riacho Pirapora, veria ao la-
do direito da ladeira, um peque-
ño casebre, construído de pau à
pique, rebocado de barro verme-
lho e coberto de palhas, de *cavalo*.

As portas e janellas do casebre
eram feitas de talos de *carnaíba*;
no terreno espaçoso e limpo, sec-
cavam expichados ao sol diversos
couros de anta, veado e onça;
estendida sobre um pequeno *girdu*
estava a tarrafa de pescaria.

Dous cachorros vigilantes, um
preto e outro malhado, deitados

na sombra do outão; avisavam
com seus latidos a aproximação
dos traseuntes que subiam a ser-
ra.

Estalava a *ok* na da volta choti-
pana e uma linda *cunha*, vestida
de camisola de algodão riscado,
botava receiosamente a cabeça no
tosco umbral, espreitando quem
passava.

O fértil terreno que circundava
aquella pobre vivenda estava bem
cultivado com plantações de legu-
mes e cereaes.

Aí, residia Camapum e sua pe-
quena família.

Este caboclo era descendente
dos indios *Itanhis*, aldeados na
serra de Baturité (Monte-Mór-
Novo) os quais tinham afinida-
de com a tribo dos *Kiriris* que
habitavam a serra dos Cayiris e
margens dos rios Curú e Acara-
hú.

Segundo afirma Von Martius,
autor da *Beiträge zur Ethnogra-
phie und Sprachenkunde Brasiliens*, os indios *Kiriris* eram na-
turamente falsos, medrosos, des-
confiados e quietos; no entanto Ca-
mapum, sendo da mesma raça,
era um caboclo activo, leal, tra-
balhador, hospitalero, sesudo e
valente.

Cultivava a caça, lavoura e pes-
caria.

Tinham caído as ultimas aguas
da Estação invernosa.

Os cajueiros carregados de
abundante folhagem, estavam flo-
rescendo para a vinda do *matury*
e as vigorosas mattas, quer do
valle, quer da montanha, forman-
do soberbas cúpulas, verdejavam
cheias do mais opulento viço.

O *bom-l*, o *corropião* e a *graína*
acarretavam pressurosos a *samam-
baia* ou a fibra do coqueiro para a
engenhosa formação de seus ni-
nhos.

Os formigueiros, trabalhando
incansavelmente, reconstruiam a

estreita bocca de sua morada subterrânea, que tinha sido derrocada e obstruída pelos aguaceiros do inverno.

O *priá*, a *cotta*, o *mokó*, abandonando seus covis, já buscavam a superfície nua dos lageiros para se aquecer aos raios solares.

Diversos bandos de astuciosos macacos pendurados nos galhos da floresta, executavam manobras de admirável gymnastica, pulando de arvorêdo em arvorêdo, em busca dos serrões onde nascem o *católe* e a *falméria*.

A *jandalira*, o *arapuá*, adejavam nas vizinhanças dos cortiços, trazendo em seu pelludo ferrão o delicioso succo das flores agrestes.

Ao longe, ouvia-se o possante rugido da *onça*, que sahindo da gruta aberta no penhasco, despertava o echo das matas, anuncianto a hora da *coruixa*.

Começava o estio.

Em uma d'essas bellas e alegres tardes, verdadeiramente dignas da sublime attenção dos poetas, Camapum, tendo acabado de juntar com sua família, buscou seus apetrechos de caçada, limpou cuidadosamente as armas, escovou o hornal e fez a necessaria provisão de chumbo e polvora.

A caça mais predilecta de Camapum era o veado, animal naturalmente arisco e manhoso, que só podia ser apanhado no bebedouro, lá pelas horas silenciosas da madrugada.

Camapum gostava extremamente de ver tombar morto no cairel do bebedouro este animal, possuidor de tanta ardileza e que para illudir o caçador, só abandonava a espessura da selva, quando tinha sede, isto mesmo com enorme subtilidade, aproveitando de preferencia as sombras da noite alim de não ser surprehendido.

Recolhido o sol no poente, Camapum langou mão da espingarda, cingiu um poderoso facão, atirou aos hombros sua rede de dormir, chamou os dous cachorros, e de bornal à tiracollo, despedio-se de sua familia, subindo depois a ladeira em busca da eminencia denominada *Cabeço*, um dos pontos mais elevados da terra de Maranguape.

Seriam 9 horas da noite, mais ou menos, quando elle descambava a linha da serra para os lados da Ribeira e Terra Seca.

A Lua nascida desde o por do Sol, ia já em certa altura do firmamento, despejando magestosamente sobre a face da terra, os brandos fulgoras de sua luz fruxa e tranquilla.

Camapum, acompanhado por seus cachorros, seguia caminho alem, obedecendo incancavel e silencioso as tortuosidades da ladeira aberta no seio das matas.

Adeante parou.

Achava-se na margem de limpida vertente, situada no fundo de uma gruta e sombreada pela ramagem da floresta, lugar este, que offercia segura posição para uma emboscada contra qualquer animal que chegasse ao bebedouro.

Dentre as arvores que circum davam a nascente, Camapum escolheu um frondoso pé de *pau d'arco*, onde trepou-se, armando sua rede em dous galhos mís resistentes.

Os cachorros, matreiros como erão, logo que virão seu amo agasalhado no cimo da arvore, penetraram na moita mais proxima e ahi deitaram-se quietamente.

Grave silencio reinava naquelas medonhas paragens. Camapum, achando que ainda era cedo para por em actividade sua vigilancia de caçador, adormeceu.

Dormiu e..... dormiu.

...

Dous galhos do arvoredo encruzados um por cima do outro, foram balouçados pela ventania e produziram um rangido estrepitoso, que veio despetrar Camapum.

Era tempo de guardar o bebedouro.

Um vulto de animal, aparecendo na bocca do atalho, balançou ligeiramente a cabeça e depois de espreitar a circunvisinha da fonte, pulou do lugar onde estava para cima d'uma pedra sime-enterrada na beira d'agua.

Camapum, endireitando-se cautelosamente dentro da rede, fez

certeira pontaria sobre o vulto e disparou a arma de fogo.

O animal, recebendo a forte carga de chumbo, afocinhou moribundo para o fundo da nascente.

Os dous cachorros, que até aquelle momento se conservaram quietos, ao sentirem o ronco de fogo, partiram do seio da moita com incrivel ligeireza e lançaram-se furiosamente sobre a preza, arrastando-a para fora do poço.

Camapum, depois de projectar com satisfacção um olhar demorado sobre o trabalho dos cachorros, desatou a rede e desceu do *pau d'arco*.

Aproximou-se da preza. Era com effeito um veado, a caça de sua paixão.

(Cont'nua)

TAVIRA.

Santos—Agosto—97.

PRIMEIRO BEIJO

A quem amo.

 A narracão que vae seguir se encerra d'entre as peças da minha vida, um facto quasi que romancesco que se deu commigo quando entao contava sómente 19 annos.

Pelo lado intrincado da narracão amorosa os leitores desculparão a falta a resentir de melhor litteratura.

Comecemos:

I

19 annos! bela idade para quem ama e quer ser amado!

Pudesse eu com a minha pena traçar ao vivo aquillo que senti quando achava-me nessa idade e o leitor certamente teria occasião de conhecer, embora tambem tivesse passado por essa phase feliz, a minha plenitude grandiosa nessa facção da vida e que tanto se anhela um porvir promettedor das maiores esperanças.

19 annos!

Ah! quem déra voltar a essa idade feliz, quem déra...

Estava-se no principio de Junho do anno de 89. Um vento frio sacudia a ramagem maci-

lenta do arvoredo cujas folhas secas começavam a cair.

Numa bela tarde desse mez, conforme era meu costume, e em companhia de um amigo intimo fomos dar um passeio pela cidade para distração do nosso estúpido labutat diário.

Ambos de a muito nos estimavamos como irmãos e sentiamos-nos felizes.

Esse amigo a quem chamarrei Alfredo, escondeu o verdadeiro nome de nós dois, compatilhava das minhas alegrias, tomava parte nas minhas doloras. Acompanhava-me em tudo e era-me dedicado e fiel.

Depois de termos passado por muito tempo e no aecaso o meu amigo teve de subito minha ideia:

—Com a breca! pois não é que ia-me a querer de um compromisso?

Pelo espanto que produzira em mim essa interrogação olhei com curiosidade ao meu amigo.

—De que me olhas tu com tanto espanto? perguntou-me elle serenamente, lejos de ter apalpado o seu abdome.

—Nada! ora essa, é que eu...

—Deixemos de meias palavras e vamos nós explicar direito: fui convidado por um amigo para ir jantar em sua casa, pois que festeja o aniversario de uma pessoa da família e já são horas para la ir ter e, na qualidade de amigo que sou ten convidado para que venhas tambem comigo.

—Eu?

—Sim, tú; e isso o que tem?

—Nada, mas... é que eu não conheço lá ninguém.

—Apresento-te eu ao principal da casa e... está tudo feito.

Não objectei mais nada. Convencido pelo meu amigo segui-o desembarrasadamente.

Dahi a pouco entramos numa elegante casa da rua General Camara que se achava toda illuminada e garridamente enfeitada.

Na sala in uma animação rasgada onde se via grande numero de senhoras.

Fui apresentado a algumas delas recebendo em seguida os cumprimentos dos chefes da casa:

—E o meu amigo Jonathas

que tenho a liberdade de vos apresentar, pedindo-vos desculpas em tel-o trazido na minha companhia, sem ser para isso convidado.

—É singular! é singular! ruminou o principal da familia; e então o que tem isso? precisavam dessas desculpas?

E n'uma alegria concentrada tomou-nos familiarmente dos braços e levou-nos para a sala de jantar.

DINDI.

Santos, —97.

(Continua)

A Pastora e o Caçador

Ao collega de redacção Durval Carvalho.

Por uma espessa floresta
Uma pastora brincava.
E no vél-a um caçador
Debutado assim lhe chamava:

—Pastora, vem cá, escuta,
Uma voz de puro amor.
—Agora que me deleito
Não posso ir, caçador.

—Pastora, vende, não sujes,
Desprezando quem te chama.
—Caçador, não vos rendas
Por um pobre dama.

—Desprezando o que existe
Só a beleza me rende.
—Caçador, seguir eu devo:
Manifeste o que pretende.

—Pastora, da-me licença,
Estamparei um puro beijo?
—Caçador jamais consinto
Satisfazer tal desejo.

—Pastora, deixa modestia,
Pastora, escuta, vem cá.
—O caçador que me chama,
O caçador que me dá?

—Se annuiras minha idéa
Dou-te grande cabedal.
—Caçador, a pobre joven
Sua honra muito val.

—Pastora, assim desprezas
A affeções de quem te adora?
—Caçador, já devo amar
Um homem que vejo agora?

—Detestas nobre fidalgos
Que busca te possuir?
—Caçador, com tais engenos
Assim me quer seduzir?

—Não te seduso, pastora,
O meu desejo é tua mão.
—Caçador, como me amas...
Será teu meu coração.

—Agora se já estás exente,
De mim que exiges mais?
—Caçador, eu na tua peço
Sendo ir ter com meus pais.

Fugindo logo lhe disse:
—Adela que von embora:
Caçador, por teu pedido
Esperarei desde agora.

M. P. de Mello.

Triste...

A DISTINTA COLLEGA JULIETA MOLYSS

*Se sonasses, oh meiga criança, o quanto
E-me terrivel os sonhos do passado,
Vinhos trazer-me de beijos, um punhado,
Eunhar com tuas trouças o meu pranto...*

*Mas, não! Atiras da descerença o manto
E só da saudade — é que eu ouço o brado,
Desses que péz o homem ao chão prostado.
Morreudo aos poucos no embriaguez do encanto...*

*E sempre vendo a tua sombra nua,
Risonha, pura como a magestosa luna,
Illuminando a terra com o seu clarão.*

*Eu, como mendiga desses de sacola
Venho a teus pes pedirte, como esnola
Que des-me por caridade o coração.*

DICIO DE MELLO.

A PENNA

Passando por nova phase este nosso periodico registramos aqui, as palavras assaz lisonjeiras revestidas de muita amabilidade com que nos acolheram; antes, muitos dos nossos illustrados collegas:

Vassourense, mimosa folha redigida pelas primorosas penas dos grandes projectos brasileiros, Luiz Murat, Olavo Bilac, Lucio de Mendonça e outros não menos illustres; assim se exprime:

«Temos sobre a mesa o primeiro numero d'*A Penna*, jornal litterario e noticioso que consegou a ser publicado ultimamente, em Santos.

E' seu redactor principal o intelligent e scriptor, sr. Durval Carvalho. Desejando ao jovem collega vida longa, agradecemos a visita e prometemos permitir,

A Idea, sympathico periodico, publicado n'esta cidade, organo do nobre Club Minerva, redigido por bellos talentos, infelizmente não tão conhecidos, como deviam ser, destacadose entre elles, o jovem M. P. dos Santos, assim se exprime:

«Temos o grato prazer de contar n'esta cidade com mais um collega que apresentou-se no campo litterario com o fim exclusivo de cultivar as letras e provocar a manifestação de pequenas intelligentias para aperfeiçoá-las.

E' elle redigido pelo sr. Durval Carvalho, moço tão modesto e tão simples, quanto talentoso.

Composto de um excellente corpo de collaboradores e dirigido por aquelle senhor, é de crer que *A Penna* em mais breve tempo firmo solidamente a sua reputação litteraria. Para isto, como collegas que ardente mente desejamos ver o progresso das letras n'a moçidade santista, fazemos votos, apresentando ao mesmo tempo a redacção d'*A Penna* os nossos protestos de fraternal amizade.

Republ.ia, grande ergam politico, publicado na Capital Federal, acusando a recepção d'este nosso periodico, qualificando bons os seus trabalhos litterarios.

A Opinião, interessante e sympathico collegialha, publicado

n'esta cidade e redigido por apropriadissimos maços, assim se exprime:

«Temos sobre a mesa o n.º 3 d'*A Penna*, bella folhita que se publica n'esta cidade, redigida pelo joven e intelligent collega sr. Durval Carvalho. Mu-to variado.

Echo Popular, excellente folh-semanal, publicada em Apparecida do Norte, n'este Estado, assim se exprime:

«Terros sobre a mesa o sympathico collegialha *A Penna*, publicada em Santos, sob a intelligent redacção do sr. Durval Carvalho.

Esta folha é muito bem impressa, em papel de cor, e oferece abundante e agradável leitura.

E' um jornalzinho feito com todo o capricho, emfin. Gratos pela amavel visita do sympathico collega, retribuïmos.

O Progresso, bello periodico, publicado em Maroim, Estado do Sergipe, sob a direcção do talentoso jornalista e perfeito actor, sr. Cícero Motta, assim se exprime:

«Temos sobre a mesa *A Penna*, pequeno jornal litterario e noticioso que vê a luz da publicidade em Santos, Estado de S. Paulo, sob a redacção do nosso amigo, sr. Durval Nestor de Carvalho.

O genio emprehensor de Durval Carvalho, é uma recomendação bastante para o progresso do jovem collega.

Agradecendo a visita desejamos-lhe longa vida.»

A Ordem bella folha semanal publicada em Ituocera, Estado do Rio de Janeiro, assim se exprime:

«Mais um collega distinguiu-nos com sua amavel visita — *A Penna*, mimoso periodico litterario habilmente escrito e publicado em Santos, Estado de S. Paulo.

Notas esparsas

Acha-se restabelecido do incommodo que o prostrou ao leito, por alguns dias, o nosso amigo e intelligent companheiro Leonardo Porte.

DR. LUCINDO PRADO

Embora tardios, depomos hoje no tumulo desse grande valente brasileiro, nossas sentidas lamenças pelo anniversario de sua morte, no dia 4 do mes passado.

Dizer em palavras o que foi esse eminente vulto, é sangrar a ferida ainda aberta no seio da mia patria.

Choremos, pois, sua morte e abramos suas obras, sentinelhas da luz, para receber luz como amante das lettras.

A Patria e ao collega *Vassourense*, orphão do eminente vulto, nossos pe amores.

Completou no dia 14 do andante mais um anno de preziosa e util existencia, o nosso virtuoso vigario, sr. Monsenhor Paiva, um dos mais fulgurantes talentos do nosso clero, fiel pastor da religião Catholica, que resistindo a um certo indifferentismo nesse meio social, para com o que se diz religião, incensamente batallha com sua ordeira e criteriosa propaganda reveliada pela eloquencia do seu talento.

A Penna, sentinelha avançada da defesa da religião Catholica, o sauda jubilosamente, dando-lhe um amplexo, em signal de amizade.

Anuncia-nos o telegrapho ter falecido em Letangueiras (Sergipe) o illustrado dr. Domingos de Oliveira Ribeiro, um dos vultos mais eminentes da magistratura a d'aquelle Estado e um dos bellos talentos que jamais serão esquecidos.

Aos nossos amigos dr. Mario de Oliveira e Themistocles Diniz Gonçalves, dignos parentes do illustre morto, apresentamos nossos sinceros pesames.

Completamente restabelecido, de volta à Capital Federal, temos em nosso seio, o nosso chefe e amigo Durval Carvalho, que acaba de reassumir o exercicio de Director e Redactor-chefe, d'este periodico fazendo-o passar por nova phase, como verão os leitores.

Satisfeitos saudamol-o.

Typ. d'*O Piratininga*.